

11/9/98 Pg. 123
21

O encontro com os povos do Novo Mundo

Ciclo 'Brasil 500 anos' é reaberto por membro da tribo ianomâmi

Quando Davi Kopenawa der partida hoje à segunda etapa do ciclo de conferências "Brasil 500 anos — Experiência e destino", promovido em conjunto pela Funarte e o Ministério da Cultura, estará expondo, na prática, o conceito do bloco temático "A outra margem do Ocidente", que ocupará o auditório do Palácio da Cultura Gustavo Capanema até o dia 3 de novembro, sempre às 18h30m. Auxiliado por um antropólogo, o representante indígena vai falar sobre o xamanismo ianomâmi — seguido, na segunda-feira, por Ailton Krenak, da tribo que incorporou a seu nome — na primeira das conferências que tematiza o encontro da tradição européia com os povos que habitavam o chamado Novo Mundo.

Presença de nativos tem sentido político e simbólico

— A presença dos índios na abertura tem um aspecto político, que é mostrar o que eles têm a dizer, e outro simbólico, pois o índio é colocado no lugar habitualmente reservado aos intelectuais — observa Adauto Novaes, coordenador da Divisão de Estudos e Pesquisas da Funarte e idealizador deste e de outros cursos livres de sucesso, como "Os sentidos da paixão" e "O olhar". — Uma idéia central nesta etapa do curso é a da diferença, pois queremos mostrar como o Ocidente se vê de forma diferente depois do contato com os nativos.

Na etapa anterior do curso, "A descoberta do homem e do mundo" — que já vendeu duas edições do livro homônimo da Companhia das Letras/Minc-Funarte — a temática era a aventura européia em busca de outros mundos e idéias. *Continua na página 3*

O ENCONTRO COM OS POVOS DO NOVO MUNDO • Continuação da página 1

As sociedades indígenas modificando a vida e as idéias do mundo europeu

Conferências mostram como Montaigne e Voltaire passaram a pensar diferente

Um dos maiores sucessos dos cursos livres da Funarte — uma média de 450 espectadores por conferência — "A descoberta do homem" deu a base teórica para "A outra margem do Ocidente". O que une nomes como Marilena Chauí, Miguel Abensour, Sérgio Paulo Rouanet, Juan Carlos Estensoro e Leyla Perrone-Moisés é, portanto, o confronto entre duas sociedades — surpreendente e transformador para ambas.

— O choque da descoberta das nações indígenas é muito profundo, o que se revelam são sociedades complexas, que mantêm uma

relação particular com o poder — observa Adauto. — Descobre-se ainda toda uma metafísica indígena e uma relação do homem com o corpo até então desconhecida.

Num primeiro módulo, o curso aborda os desencontros inevitáveis deste encontro, passando à análise do poder político do índio — sob o ponto de vista tanto de filósofos como Etienne la Boétie quanto de antropólogos como Pierre Clastres. Seguem-se reflexões sobre a metafísica indígena, a influência do Novo Mundo sobre o pensamento político da Europa (de Montaigne, Rousseau,

Voltaire e Diderot, por exemplo) e, fazendo a ponte para os dias de hoje, um panorama sobre a situação atual das populações indígenas brasileiras.

No ano que vem, "Brasil 500 anos" entra em sua terceira fase, analisando as idéias de fundação de Estado e de nação na formação do país. E, concluindo as discussões no ano 2000, quando são lembrados os 500 anos do Descobrimento, a quarta etapa abordará fundações e transformações da democracia e da liberdade.

— É importante destacar que procuramos evitar uma idéia de

panorama, pois seria impossível abordar a História do Brasil em quatro ciclos de conferências — diz Adauto. — Nossa abordagem é pela discussão de conceitos, pois na verdade a gente fala de ontem para discutir a realidade brasileira de hoje.

As inscrições para "A outra margem do Ocidente", que é reconhecido oficialmente pela Universidade Federal Fluminense e pela Universidade de São Paulo como curso de extensão universitária, ainda estão abertas no Palácio da Cultura Gustavo Capanema. (Paulo Roberto Pires) ■